

DO RETRATO FOTOGRÁFICO ÀS FACES VIRTUAIS NAS REDES

Darci Raquel Fonseca - UFSM

RESUMO: Este artigo pretende analisar como o desejo de visibilidade extrema favorecido por smartphones e tablets através das redes sociais no compartilhamento imediato de retratos ou *selfies*, modifica a face desta categoria de fotos nunca tão requisitada. André Rouillé (Rouillé, 2014) escreve que, esta alta potência dialógica submete os *selfies* à ação das forças centrífugas que fazem explodir as práticas e as estéticas fotográficas tradicionais. Se o retrato fotográfico, com a fotogenia, moveu o sonho de ser outro como si mesmo, a fotografia móvel constrói uma especificidade cuja potência visível se distancia dos códigos de beleza, reinventa aparências e propõe outra visão do homem. Uma brecha se abre e, porque não, um abismo do olhar na busca de significar "estar ali" embora distante, nesse compartilhamento com os "amigos" virtuais das redes. Uma significativa modificação no modo de representação sensível do homem, logo, de sua realidade tangível.

Palavras-chave: visibilidade e estética, retratos-*selfies*, mobilidade

SOMMAIRE: Cet article a pour objectif d'analyser comment le désir de visibilité extrême favorisée par les smartphones et tablettes par le biais des réseaux sociaux suite le partage immédiat des portraits ou *selfies*, modifie la face de cette catégorie de photos jamais autant demandée. André Rouillé (Rouillé, 2014), écrit que cette puissance dialogique soumet à l'action des forces centrifuges qui font exploser les pratiques photographiques et les esthétiques traditionnelles. Si le portrait photographique la photographie mobile édifie une spécificité dont la puissance visible s'éloigne des codes de beauté, reinvente les apparences et propose une autre vision de l'homme. Une brèche s'ouvre et pourquoi pas un abîme du regard dans une quête afin de signifier "être là" tout en étant loin lors du partage avec les "amis" virtuels des réseaux sociaux. Un changement important dans le mode de représentation sensible de l'homme, donc de sa réalité tangible.

Mots-clef: Visibilité e estética, retratos-*selfies*, mobilidade

A maneira com que a fotografia pode revelar o mundo fazendo do face a face consigo mesmo um evento esclarecedor e multiplicador abalou nossa maneira de ver, assim como, nossa relação com os outros e com o mundo. Se pela sua função primeira pudemos dar asas à imaginação fazendo do ato de ver e de ser visto o meio por excelência de marcar presença ainda que ausente, com a fotografia numérica experimentamos uma revolução que veio transformar os paradigmas desta arte capaz de reinventar a realidade pela magia da luz. E esta maneira de operar quebra os limites do real e do imaginário, e isso por ultrapassamento da realidade imediata em prol de uma representação menos conformista, mais nômade e menos identitária dos retratos. O dispositivo móvel facilitou e nos submeteu à sua predeterminação científica e tecnológica camuflada pela banalidade aparente com que fazemos

uso à todo momento. Já não nos contentamos com a imagem posta no papel ou numa tela, pois a rapidez das redes responde às necessidades de circulação e compartilhamento de duplos estéticos ou inestéticos, pouco importa. O que importa é a presença na virtualidade do espaço virtual das redes sociais.

Assim, o encantamento do retrato não parou de nos surpreender. A fotografia mostrou seu poder incalculável em reunir o mundo imediato de cada indivíduo com uma aparência distanciada que somente o agenciamento tecnológico da luz é capaz de restituir. Essa magia fotogênica do retrato foi e continua sendo o meio mais desejado de se comunicar e se fazer presente em todo tipo de ausência do retratado. Atualmente favorecido pelos avanços tecnológicos, o retrato ocupa um lugar de predileção nas redes sociais e este fenômeno traz com ele a força transformadora da significação do retrato que se diferencia das que conhecemos com o retrato analógico. Diferenças essas no seu modo de produção, logo de sua aparência estética e, na sua forma de distribuição. Uma reflexão sobre o modo de produção (estética ou o inestético resultante) sobre o sentimento de presença-ausência no compartilhamento imediato como meio de comunicar algo de si mesmo, parece desafiadora para o pensamento das imagens tecnológicas e o efeito que elas produzem hoje, sobretudo quando o retrato é o alvo. A realidade que a imagem numérica propicia é uma outra realidade: é uma realidade sintetizada, artificial, sem substrato material. Faz entrar a lógica da figuração e da simulação. (Couchot 1993). Assim sendo o retrato das redes nos leva à lógica da figuração e da simulação de um outro modo e tempo do retrato desmaterializado, porém marcando uma inexorável presença virtual gasosa que nos interpela cotidianamente.

O que antes representava uma presença materialmente concretizada pelo suporte fotográfico em papel, hoje se perde na fluidez do suporte digital e na rapidez com que os retratos se sucedem na busca de muitos olhares ávidos de experiências comunicadas através das faces virtuais que as redes sociais acolhem e movimentam. A experiência do retrato parece ser o motor que impulsiona à visibilidade extrema através dos diálogos com os inúmeros amigos da galáxia virtual. Através deste tipo de retrato a visão de nós mesmos se expande, se modifica e nos modifica por efeito *boomerang*; já podemos tirar a máscara social adquirida e substituí-la por outras faces, usando-as como meio de comunicação de algo de si-mesmo em escala global.

Se a primeira grande explosão da fotografia no início do século vinte com as câmeras compactas, permitiu ao grande público captar cenas da vida, de viagens, dos amigos, da família, com o *slogan* instigador "*aperte o botão, a Kodak faz o resto*", a Kodak promoveu a primeira banalização do ato fotográfico servindo-se dos avanços tecnológicos da época. A segunda explosão mediada pela tecnologia numérica, ao alcance da maioria, faz explodir a prática do retrato com um fazer fotográfico inovado que oferece uma visão do retrato diferenciada das demais formas de representação do homem. É no espaço das redes sociais que ele vive e nos circunscreve na lógica de uma presença virtual planetária. Nessa nova concepção, o retrato deixa o espaço privado para o público numa dimensão jamais vista, sobretudo com a produção dos *selfies* numa comunicação direta no espaço social das redes. Definitivamente o retrato mudou sua face.

Distante do tempo de expectativa causada pela fotografia analógica, é na emergência das redes sociais que o retrato vem mediar uma experiência de troca do na utópica figura do duplo. Essa é também estética experiência estética e, sem dúvida, de outra ordem. Nela fabrica-se aparências sem a preocupação de uma composição baseada na perspectiva e menos ainda no conceito de beleza como requisito para se tornar visível. O retrato deixa a esfera do espaço privado que caracteriza o analógico para se expor no espaço público planetário, sobretudo com a explosão atual dos *selfies*, espécie de autorretratos sem as prerrogativas de seu predecessor. Parecer outro hoje, é fruto da experiência do retrato sem a preocupação com qualquer conceito de beleza, de enquadramento baseado na perspectiva espacial. Parecer outro significa captar o sujeito, muitas vezes o entorna também fazendo com que o ato de captação e de difusão da imagem sejam quase simultâneos. Pouco importa a aparência visto que, em fotografia, parecer já é ser diferente. Neste sentido, é na comunicação imediata que a existência ganha sentido e o retrato se expande em visibilidade máxima. Distante do tempo de expectativa da fotografia analógica é, portanto, na emergência das redes sociais que ele vive e nos circunscreve na lógica de uma presença planetária onde ver e ser visto integra a experiência de troca de através do retrato. Com a invenção dos *selfies*, o retrato emerge em força.

Se o retrato fotográfico, alimentado pelo conceito estético de fotogenia moveu o sonho de ser outro como si mesmo, a fotografia móvel constrói uma especificidade cuja potência visível se distancia dos códigos de beleza, reinventa aparências, propõe outro espaço-tempo e instaura uma outra visão do homem através de uma presença representativa fluída, porém eficaz. Assim, uma brecha se abre e porque não, um abismo do olhar em busca de significar "estar ali" ainda que distante no compartilhamento com os "amigos" virtuais das redes. Na virtualidade do espaço das redes sociais, retratos e *selfies*, marcam a fugaz presença dos acontecimentos vividos e compartilhados com os "amigos" das redes sociais.

André Rouillé escreve (Rouillé, 2014), esta alta potência dialógica submete os *selfies* à ação das forças centrífugas que fazem explodir as práticas e as estéticas fotográficas tradicionais. A mobilidade e a tecnologia dos aparelhos atuais permitem captar e imediatamente compartilhar as mais diferentes imagens que terminam nas redes sociais, ou seja, no centro da visibilidade global. A primeira opera com a energia luminosa e a segunda com ondas e sinais eletrônicos o que incide diretamente nos aspectos técnicos e estéticos aos quais se referencia André Rouillé.

A fotografia numérica tem a aparência da foto, mas ela não tem os materiais da foto, nem a velocidade de circulação, nem os dispositivos operatórios, nem seus modos de ligação com as outras imagens, nem as superfícies de inscrição, nem o custo de suas produções, nem seu odor e, nem é claro, seu regime de verdade » (André Rouillé).

Se o retrato analógico revolucionou o campo da representação e da produção de imagem do homem com a certificação de transfigurá-lo em um vestígio durável, susceptível de revelar uma superioridade que o real, às vezes, escamoteia, o retrato digital desbanca essa lógica e constrói uma especificidade cuja potência visível se distancia dos códigos de beleza, reinventa aparências, propõe outro espaço-tempo e instaura uma outra visão do homem através de uma presença representativa fluida e compartilhada. Consequentemente, a estética é inovada por um conteúdo fotogênico cujas verdades são específicas do *medium*. Logo, as “verdades” do retrato numérico não são as mesmas do retrato analógico. Sem matéria, ele revoluciona o modo de fabricação, de distribuição, de conteúdo simbólico das aparências que o distancia do retrato materializado pela ação da ótica e da química. Logo, se o conteúdo fotogênico é outro, a estética também não é a mesma; fluida, ela alimenta ainda mais a ficção. A facilidade de manuseio favorece a ação e alimenta a ficção e o desejo de parecer diferente do que se é realmente. Na experiência dialógica do fluxo das redes sociais, o retrato confirma uma modalidade paradoxal onde a vida em fotografia se confunde com a realidade da vida. No entanto, essa criação de novas aparências, o retrato parece seguir, na virtualidade visível das redes, cumprindo com seu papel social de reconhecimento e aproximação dos indivíduos.

Se o interesse pelo retrato se deu pelo fato de que o corpo assim representado já é um corpo transformado, os retratos dos “amigos” das redes sociais confirmam a metamorfose estética do fotográfico e desmistificam o desejo de beleza em detrimento da visibilidade e do compartilhamento imediato na ilusão de estar vivendo verdadeiramente com o outro o instante aspirado da vida cotidiana. Se o retrato analógico respondeu ao desejo simbólico de perenidade existencial através do objeto cartonado, as faces das redes sociais primam pelo imediatismo de uma presença virtual que se volatiliza no apressado sistema das redes sociais. P parecer e viver virtualmente faz do retrato e dos *selfies*, o meio por excelência de comunicação privada no espaço público das redes sociais.

É certo que as verdades da fotografia analógica são outras e, portanto, incomparáveis com novo sistema de representação numérica; a facilidade de manuseio e rapidez de comunicação que a tecnologia digital mobiliza, coloca o retrato em outro patamar da representação. Virtuais, os retratos explodem nas redes; eles se modificaram e modificam o instante antes solenizado do retrato para o espetáculo da presença. Smartphones, tabletes acessíveis ao grande público, fazem da presença-ausência o elo virtual das relações contemporâneas fazendo com que as relações interpessoais se tornam cada vez mais subjetivas. Porém, na possível subjetivação das relações, a mobilidade contribui para que as cenas da vida e, sobretudo os retratos alimentem a certeza de co-presença no compartilhamento imediato alimentado pelas redes. Essa certeza explode com os *selfies* que, em grande escala, se instalam nas redes oferecendo uma nova visão do retrato que rompe com « as práticas e as estéticas fotográficas tradicionais”.

Com quem vamos parecer quando as regras de idealização que sempre acompanhou o retrato são quebradas com o novo sistema de representação? A facilidade de manuseio e rapidez de comunicação com que a tecnologia numérica mobiliza, revoluciona nossa relação com a imagem, com a nossa imagem. É

modificado também o conceito simbólico de presença-ausência que ela comporta. Os retratos virtuais das redes alimentam a certeza de uma co-presença ; no compartilhamento imediato tem-se a impressão de viver verdadeiramente com o outro. Virtuais e já numerizados, muitos desses retratos pela sua própria gênese, se multiplicam e aparecem revestido de aparências incessantemente renovadas. Se com eles uma nova visão do retrato se instala e rompe com « as práticas e as estéticas fotográficas tradicionais”, uma parte de narcisismo os caracteriza também. Mais ainda, ver e ser visto é como existir.

Como salientou Rouillé, é impossível comparar uma fotografia com a outra, pois vimos, uma é química e a outra é computacional. Logo, com protocolos de realização muito diferentes um do outro. No entanto, a prática do retrato analógico é um bom posto observação, pois carregado de modos operatórios e simbólicos que, sem dúvida, permite esclarecer o pensamento dessa nova visão do retrato nascido. Numerizado, o que permite a ligação direta com as redes sociais, o retrato que antes permanecia na esfera privada, nessa nova concepção, ganha a visibilidade globalizada no impulso imediato de uma co-presença possível. Nesse contexto do mundo numerizado do retrato, a estética é muito diferente e não permite comparações com o analógico. É certo que ambos visam a visibilidade, mas se apoiam em códigos operacionais antagônicos, portanto, produzem conteúdos fotográficos antagônicos também. A estética presente no olho da visibilidade contemporânea é muito diversificada e não obedece os mesmos critérios técnicos e estéticos. A estéticos ou inestéticos os retratos, no caso, nos convidam a vê-los com outros olhos. Fruto de experiências vividas e imediatamente postadas sem grandes preocupações de formalização idealizada de beleza ou de composição do espaço, menos ainda da pose como pilar, o retrato marca, sem dúvida, uma presença diferenciada.



Figura 1
Foto digital recuperação (2014)



Figura 2
Foto digital recuperação (2014)



Figura 3
Foto digital recuperação (2014)

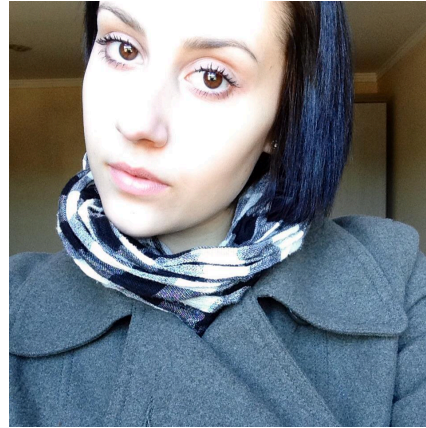


Figura 4
Foto digital recuperação (2014)

Observa-se nesses retratos uma grande liberdade de expressão: ousadia nos enquadramentos, no uso de efeitos e defeitos de captação, atitudes, manipulações diversas e ruídos que acabam, muitas vezes, como conteúdo estético. Os retratos que trazemos exemplificam a nova maneira de expressão de si mesmo aberta ao vasto público vidente.

Enquadramento, expressões e invenções de desequilíbrio de luminosidade são os parâmetros estéticos que caracterizam a força visível destes retratos. Distantes das formas de idealização a que fomos habituados, essas aparências sem materialidade, primam pela atividade fundamental do olho. Na expectativa de ver e de ser imediatamente visto, nessa "alta potência dialógica" eles se reinventam com a certeza de uma co-presença na virtualidade do sistema. A ideia de verdade toma outro rumo uma vez que a verdade destes retratos resulta prioritariamente do fantasma da visibilidade emanado do modo em que serão vistos. Aparência que traz a marca do instante de realização e se faz presença de apresentação de si mesmo no modo dialógico das redes sociais. Esse modo de ser e estar virtualmente nas redes sociais pode ser uma banalidade para os adeptos, mas essa banalidade traz uma complexidade a não ser negligenciada; na busca de significar "estar ali" no compartilhamento com os "amigos" virtuais das redes sociais, uma significativa modificação no modo de representação sensível do homem se opera e essa proximidade virtual do indivíduo com a imagem, terminará por transformar sua realidade tangível.

Esta fotografia que já nasce numerizada é interativa, participativa, dinâmica e específica, produz uma estética particular, como salientamos. Os retratos do gênero podem ganhar formas muito diferentes cuja aparência visual, modifica a graus variados, dependendo da vontade do autor e de sua experiência com a fotografia. Seria leviano pensar que submersos à tantas aparências metamorfoseadas não estaríamos nos transformando também no contato desses modos de parecer e existir das redes sociais. Ainda que as transformações dos objetos ocorram mais rapidamente que o pensamento sobre elas, se nos referirmos a Walter Benjamin, (Benjamin, 1996), concluiremos que desde 1936, seu pensamento sobre a reprodução de imagens mecanizadas prevê a introdução de modificações fundamentais na arte e na sociedade humana com a proximidade do objeto na

imagem, ou melhor, a sua cópia. Ora, com a sensação de uma real co-participação na visibilidade extrema das redes, nos modificamos e a comunidade humana se modifica com certeza.

A visão destes retratos parece confirmar esta regra com veemência ainda que a copia se esvaneça no movimento virtual que a mobilidade oferece. Estes retratos são instantes objetivos carregados de subjetividade que nos palpam à distância, trabalham silenciosamente nossos atos compartilhados e por ai, nossa intersubjetividade. Os retratos são olhares congelados, estáticos, voltados para nós mesmos.

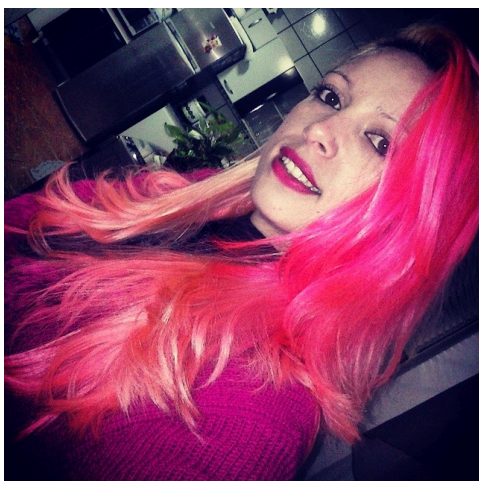


Figura 5
Foto digital recuperação (2014)

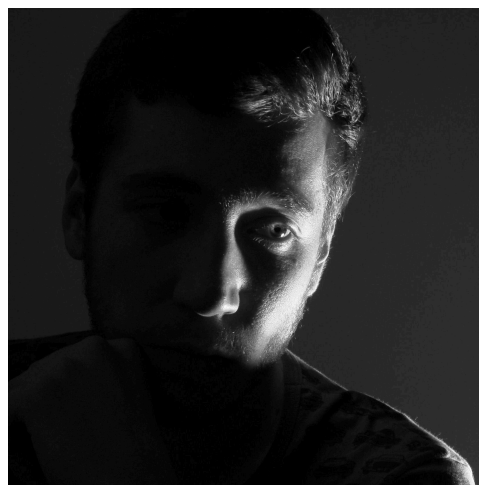


Figura 6
Foto digital recuperação (2014)

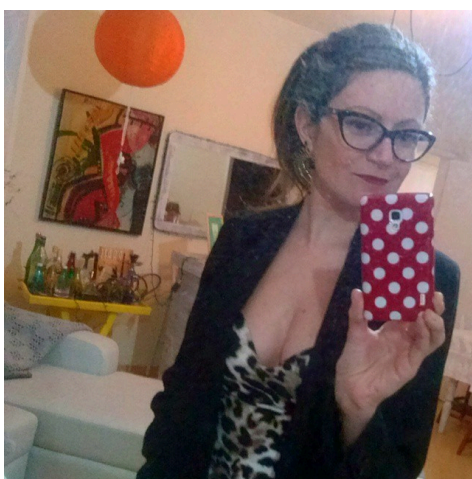


Figura 7
Foto digital recuperação (2014)



Figura 8
Foto digital recuperação (2014)

Esses retratos que se diversificam entre eles, levam a crer que, o momento de captação como experiência vivida e estendida aos amigos no espaço virtual das redes sociais prevalece à toda vontade de estetização a conhecemos com o retrato analógico. O enquadramento do retrato (Figura 5) desestabiliza o olhar e provoca uma sensação de desequilíbrio em função da transversalidade da linha de fundo e da pessoa retratada. Essa construção accidental ou desejada, leva a uma revisão do olhar mediante a visão que o retrato impõe. Enquanto o retratado da fig. 6 se esvanece entre luz e sombra numa referência explícita do retrato analógico, o retrato (Fig. 7), é uma representação da pessoa e ao mesmo tempo, da nova e explosiva forma de auto-representação que se aparenta ao autorretrato, o *selfie*. No *selfie*, fotógrafo e aparelho fotográfico ocupam a cena para entrar imediatamente na rede social de predileção, pois ser visto e compartilhado obedece as regras desse procedimento deixando a impressão que as redes sociais bem mais que um espaço é um meio de existir virtualmente com os outros. Sem dúvida que existe aí uma mudança fundamental nas relações humanas tendo em vista que vive-se virtualmente como se estivesse vivendo verdadeiramente o instante da vida transmitido virtualmente pelo retrato. O retrato (fig. 8) mostra alguém que se prevalece do momento, do seu instante sem a preocupação de se valer da pose estruturante em busca de uma fotogênica susceptível de oferecer uma certa superioridade relativa ao real. Aqui a vida artificial fosse a própria vida; assim é, e assim me dou à visão compartilhada. Podemos concluir que, na sua larga maioria, os retratos compartilhados nas redes sociais convergem para a experiência do instante. Portando, no instante tudo se vive, e nele tudo se concentra, nada escapa às prerrogativas do instante escreve Bachelard (Bachelard....). Importa mais a experiência do instante, nada mais que o instante sem passado e sem futuro já que estes se fundem no presente. Não seria esta a grande motivação para que inúmeros indivíduos se reinventem e circulem no olho da visibilidade virtual instantânea das redes sociais seus instantes como integridade de seu ser naquele preciso momento de compartilhamento?

Essa galeria de retratos que circula no movimentado compartilhamento das redes sociais, fruto de uma captação do instante como experiência de vida compartilhada, reveste-se de uma estética particular e específica da mobilidade; alguns sem-arte, outros revelando uma tentativa de se aproximar dos códigos da arte. Neste contexto do deslocamento onde a imagem sem-arte se torna fotografia, advém em terceiros a vertigem do visível: essa passagem da transformação real do corpo em imagem opera uma crise do olhar na visibilidade global das redes sociais. Se a fotografia já nos faz parecer diferentes, certamente que a explosão do retrato e dos *selfies* como modalidade, inova o parecer na apresentação a terceiros nessa relação virtual modifica a visão da comunidade humana atual. São tantos instantes compartilhados quanto aparências diferentes entre elas. Entre acertos e erros, estáticos e inestéticos, esses instantes de presença imediata, enunciam que a virtualidade que os caracteriza, uma nova era do retrato se apresenta.

Abordar o retrato das redes sociais parece ser uma ocasião ideal para verificar as diversas formas de aparências reais e representadas do corpo e do rosto, imagem sempre outra, sempre transfigurável pelo movimento da luz que, uma vez mais, cumpre seu papel de comunicador social e re-inventa a estética fotogênica. Cmo oo

retrato analógico como representação não responde mais à necessidade premente de se tornar visível, a mobilidade re-inventa a própria visao do retrato. A visibilidade planetária, meio de predileção para se tornar presente e viver virtualmente com o outro marca uma nova era do retrato abrindo uma brecha e, porque não, um abismo do olhar nessa busca de significar "estar ali" ainda que distante, no compartilhamento com os "amigos" virtuais das redes. Com a tecnologia numérica a lógica figurativa muda radicalmente; a fotografia, sem dúvida, se transforma e renova a face do retrato.

Referencias bibliográficas

BACHELARD, Gaston L'INTUITION DE L'INSTANT, Paris, Denoël, 1985.

BENJAMIN, Walter, PETITE HISTOIRE DE LA PHOTOGRAPHIE, Societé Française de photographie, 1996.

CLEMENT, Rosset, LE REEL ET SON DOUBLE, Paris Gallimard, Paris, 1986.

COUCHOT, Edmond. A TECNOLOGIA NA ARTE: DA FOTOGRAFIA A REALIDADE VIRTUAL. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ROUILLE, André, SELFIE ET AUTO PORTRAIT, D'UN MONDE À L'AUTRE, ParisArt Info.com, número 439, 20 de junho de 2014.

SOULAGES, François. ESTÉTICA DA FOTOGRAFIA: PERDA E PERMANÊNCIA. Editora: SENAC São Paulo, 2010